

10/1/1985

Chantagem Incendiária

GRAÇAS exclusivamente a uma contingência meteorológica o país não está neste momento assistindo ao incêndio de uma das mais importantes áreas do seu mapa agrícola: a região central do Estado de São Paulo, onde se localizam, entre outros, os municípios de Ribeirão Preto, Sertãozinho e Jaboticabal. O incêndio tinha data marcada para começar: segunda-feira. Felizmente choveu — e não é fácil atear fogo à palha molhada.

Para alguém desavisado, que não tenha lido o noticiário dos últimos dias, convém advertir que se está falando de um incêndio de fato. Desde o início desta semana, se não houvesse chovido, os grandes canaviais daquela região estariam em chamas. Este seria o argumento definitivo dos grupos de ativistas ligados à Central Única de Trabalhadores para atemorizar os plantadores e obrigá-los a fazer novas concessões aos chamados bóias-frias.

Nada aconteceu no decorrer do pleito que justificasse tamanha violência. A situação dos bóias-frias, ao contrário de piorar, vem paulatinamente melhorando. No ano passado, os empresários rurais de São Paulo concederam-lhes um substancial aumento de salário e assumiram a responsabilidade pela sua alimentação nos períodos de trabalho. Mas como não há emprego para todos durante todo ano — pois o clima do Sul não permite colheitas sucessivas — os trabalhadores avulsos foram levados a reivindicar dos plantadores um salário-desemprego para os meses de entressafra.

Embora se trate de um pesado ano para os empresários, estes, através dos seus órgãos representativos, não se negaram a discutir os termos em que poderiam conceder o auxílio reivindicado. Mas a uma simples interrupção das discussões — fato normal em qualquer negociação — os radicais se apressaram em tirar da manga a carta que lhes queimava a pele e a imaginação: o salário-desemprego ou o incêndio dos canaviais.

Como outros episódios ocorridos recentemente em São Paulo, a chantagem incendiária desta semana não deixa a menor dúvida quanto à disposição dos radicais de ir às últimas consequências no seu objetivo de perturbar o delicado curso do país pelo estreito canal que leva à democracia.

Até agora uma chuva providencial vem impedindo que os aproveitadores políticos do desamparo dos bóias-frias levem à prática sua ameaça terrorista. Mas como a meteorologia é uma aliada apenas transitória, é urgente que alguém faça chover um pouco de razão sobre as cabeças desses Homens-Tocha. Os trabalhadores precisam ser advertidos de que, quando se atea fogo a um meio de produzir riquezas, o que resta para todos é apenas um punhado de cinzas.

(Página 10)